

Análise prosódica de Segmentações não-convencionais de palavras em textos do sexto ano do Ensino Fundamental

Luciani Tenani¹

Fabiana Cristina Paranhos²

RESUMO: Neste artigo, analisamos segmentações não-convencionais de palavra encontradas em textos de alunos de sexto ano do Ensino Fundamental. Por meio de análise quantitativa e qualitativa, descrevemos as características prosódicas que podem ter motivado as hiper e as hipossegmentações de palavras encontradas em 27,4% dos 606 textos investigados. Identificamos uma tendência em haver mais textos com hipossegmentação do que com hipersegmentação, característica semelhante ao que se encontra relatado sobre os textos infantis. Baseados no arcabouço teórico da Fonologia Prosódica, argumentamos acerca da relevância dos constituintes palavra prosódica e grupo clítico na descrição das regularidades observadas nos dados de segmentação não-convencional de palavra. Constatamos que (i) nos casos de hipossegmentação, predomina a juntura de um clítico seguido de uma palavra fonológica; (ii) nos casos de hipersegmentação, predomina a segmentação de uma palavra prosódica como se fosse um grupo clítico. Apresentamos evidências de ser a grafia dos elementos clíticos um desafio aos alunos estudados. Ao investigarmos a que classe gramatical pertenciam os clíticos grafados não-convencionalmente, constatamos que se tratam de preposições (“em, de, com”) e pronomes (“me, lhe, lo”), característica que particularizam os dados investigados em relação àqueles produzidos por alunos em fase inicial de aquisição da escrita infantil.

Palavras-chave: Prosódia. Palavra. Ortografia. Oralidade. Letramento.

ABSTRACT: *This paper analyzes unconventional segmentation of word found in texts of the sixth grade of Elementary School. Through quantitative and qualitative analysis, we describe the prosodic characteristics that may be motivated the hyper and hippossegmentation of words found in 27,4% of 606 investigated texts. We identified a tendency toward a more text with hippossegmentation than hypersegmentation, characteristic similar to what is reported about children's text. Taking into account the theoretical framework of Prosodic Phonology,*

¹ Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil, lutenani@ibilce.unesp.br

² Licenciada em Letras, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil, fparanhos@hotmail.com.br

we argue about the relevance of prosodic word and clitic group in the description of the regularities observed in data of unconventional segmentation of word. We note that (i) in cases of hippossegmentation, it predominates the hollow of a clitic followed by a phonological word, (ii) in cases of hypersegmentation, it predominates a segmentation of a prosodic word into a clitic group. We present evidences to be the spelling of clitic elements a challenge to students analyzed. By investigating in the grammatical class that owned the clitics spelled unconventionally, we verified that they are prepositions (“em, de, com”) and pronouns (“me, lbe, lo”), a characteristic that particularize these data in relation to data from students in the early stage of language acquisition.

Keywords: *Prosody. Word. Spelling conventions. Orality. Literacy.*

1. INTRODUÇÃO



Fonte: <http://www2.uol.com.br/laerte/tiras>

O humor da tirinha acima é provocado, entre outros aspectos, pela interpretação “equivocada”, por uma das personagens, do enunciado “assina” como sendo “a sina”, ou seja, uma sequência do artigo “a” e do substantivo “sina”, ao invés de “assina”, uma forma do verbo “assinar”. Nota-se que a sina da personagem que “se equivocou” inclui ser reprovado na segunda série do Ensino Fundamental aos 13 anos, o que sugere que tenha tido problemas de alfabetização, como o de segmentar as palavras conforme as convenções ortográficas; além de se inferir que não conhece certas práticas sociais relativas ao preenchimento de formulários – que, por exemplo, demandam informação sobre nome, endereço e assinatura. Nos termos de Tenani (2001), o humor presente em textos chistosos como o que ora analisamos é gerado pela possibilidade de dupla segmentação de uma mesma cadeia sonora, no caso, [a’ sina], segmentada como “assina” e “a sina”. Do ponto de vista prosódico, não há nada no material fônico que, necessariamente, levam à distinção entre “assina” e “a sina”, porém, em termos de sua estrutura, “assina” é uma palavra fonológica e “a sina” é um grupo clítico.

Neste texto, lançamos mão das noções de palavra fonológica e grupo clítico – a serem definidos logo à frente – para tratar de segmentações de pa-

lavra classificadas como “não-convencionais”, como “a pesar” para “apesar”, encontradas em textos produzidos, em ambiente escolar, por alunos de sexto ano do Ensino Fundamental (doravante, EF).³ Observamos que “apesar” e “a pesar”, da mesma forma que o par “assina” – “a sina” da tirinha, têm uma única cadeia fônica [ape'zar] e duas segmentações possíveis (a saber: “apesar” (uma conjunção) e “a pesar” (preposição “a” + verbo “pesar”)), sendo “apesar” uma palavra fonológica e “a pesar” um grupo clítico. No entanto, nos textos que analisamos, e diferentemente do que ocorre na tirinha apresentada, apenas uma segmentação é possível, ou seja, “apesar”; sendo, portanto, “a pesar”, uma grafia fora das convenções ortográficas em relação ao enunciado em que ocorre. Ao aproximarmos as segmentações de palavras de textos chistosos, como aquelas da tirinha acima, com as que encontramos nos textos escolares, que na próxima seção detalhamos, buscamos explicitar, brevemente, que há características prosódicas que são comuns às segmentações de palavras dos textos ora considerados: os constituintes palavra prosódica e grupo clítico.

Passamos, na próxima seção, a definir os tipos de segmentações não-convencionais de palavras que se assemelham àquela detectável na tira, acima apresentada, porém dessa diferem por serem segmentações que não seguem às convenções ortográficas que temos por objeto de estudo. Em seguida, apresentarmos as características do corpus investigado e, finalmente, a análise prosódica, quando trataremos da relevância dos constituintes palavra prosódica e grupo clítico na descrição das regularidades observadas nos dados de segmentação não-convencional de palavra.

2. A segmentação não-convencional de palavras

As segmentações não-convencionais de palavras são caracterizadas pela ausência e/ou presença do espaço em branco em locais previstos pela ortografia. Em função da ausência ou da presença do espaço em branco, essas segmen-

³ Parte das reflexões aqui apresentadas é resultado da pesquisa “A segmentação não-convencional de palavras em textos de alunos de quinta série do Ensino Fundamental” (FAPESP 2009/14491-0), desenvolvida por Fabiana Paranhos sob a orientação da professora Dra. Luciani Tenani, UNESP/SJRP, e da pesquisa “Aspectos segmentais e prosódicos da escrita de crianças e adolescentes: evidências de relações entre enunciados falados e escritos” (FAPESP 2009/14848-6 e CNPq 306471/2009-4), sob responsabilidade da referida professora.

tações podem ser classificadas em dois tipos principais: (i) hipossegmentação: quando há a ausência do espaço em branco em locais previstos pela ortografia, como em: “anoite”, “perseguido” e “denovo”; (ii) hipersegmentação: quando há a presença do espaço em branco em locais não previstos pela ortografia, como em: “em bora”, “de pressa”, “a noiteceu”.

Estudiosos como Abaurre (1991), Silva (1991), Cunha e Miranda (2007), Chacon (2004), Paula (2007), Capristano (2004, 2007) analisaram dados de segmentação não-convencional de palavra produzidos por alunos em fase inicial de aquisição da escrita (primeira à quarta séries do EF) e mostraram como esse tipo de dado é relevante para os estudos lingüísticos. Notadamente, os três últimos referidos autores argumentam que esses dados evidenciam, entre outros aspectos: (i) a reflexão, por parte da criança, sobre a noção de palavra, isto é, o que é uma palavra e quais seus limites gráficos; (ii) a organização em constituintes prosódicos da língua (pé métrico, palavra fonológica, sílaba, entre outros); (iii) a circulação do escrevente por práticas orais/letradas; (iv) as características dos enunciados falados (no que diz respeito à dimensão sonora da linguagem) nos enunciados escritos.

Neste texto, faremos uma análise prosódica, explorando o aspecto (ii), sem deixar de tratar dos demais aspectos mencionados. Juntamente com Tenani (2011, 2009), que analisa dados semelhantes aos que consideramos neste texto, assumimos em nossa análise, que as segmentações não-convencionais fornecem evidências do modo como o escrevente projeta características dos enunciados falados nos enunciados escritos, particularmente, características prosódicas relacionadas aos domínios de palavra fonológica e de grupo clítico.

A caracterização desses dois domínios mais relevantes para a análise das segmentações não-convencionais de palavra que apresentamos neste texto é feita com base em Nespor e Vogel (1986). Nessa abordagem, a palavra prosódica ou fonológica (ω) é definida pela presença de um acento lexical, sendo o constituinte em que ocorre a interação entre os componentes fonológicos e morfológicos da gramática, não havendo, no entanto, isomorfia entre a palavra fonológica e a palavra morfológica. Para citar um exemplo, a palavra morfológica “guarda-roupa” se constitui de duas palavras fonológicas [guarda] ω [roupa] ω , por haver dois acentos: um na primeira sílaba de “guarda” e outro na primeira sílaba de “roupa”. A palavra fonológica é um constituinte prosódico dominado, no modelo de Nespor e Vogel (1986), pelo grupo clítico

e é composta por um ou mais pés (Σ)⁴ – por exemplo, [[casa] Σ] ω e [[borbo] Σ] [leta] Σ] ω . Já o grupo clítico (C) constitui uma unidade prosódica que domina imediatamente a palavra fonológica e é formado por uma única palavra de conteúdo acompanhada de clíticos (palavras funcionais átonas, tais como artigos, preposições, conjunções). Em um enunciado como “A casa da Ana fica em Marília”, os grupos clíticos são: [A casa]C [da Ana]C [fica]C [em Marília]C. Bisol (2000), baseada nas ideias de Nespor e Vogel (1986) sobre a existência do grupo clítico como constituinte da hierarquia prosódica, propõe um estudo sobre o *status* prosódico do clítico no PB. Por meio de uma detalhada análise das relações estabelecidas entre o clítico e seu hospedeiro, Bisol (2000: 18) apresenta “evidências que argumentam em favor da hipótese de que o clítico assume com seu hospedeiro, no pós-léxico o seu real *status* prosódico”. Os argumentos apresentados pela autora são os seguintes:

i) insensibilidade à restrição das três janelas; ii) a mobilidade na frase, em se tratando de pronominais; iii) a sensibilidade a regras pós-lexicais. A primeira distingue-o da palavra fonológica; a segunda aponta-lhe características rítmicas, próprias de constituintes frasais; a terceira diz respeito a regras que pressupõem esteja pronta a estrutura sintática. (BISOL, 2000: 18)

Apesar de esses três argumentos serem consistente, é por meio de regras de sândi, no estudo da degeminação e da elisão, que a autora encontra o argumento decisivo para a sua proposta. Em especial, observa que a elisão, no PB, não ocorre no interior de uma palavra, porém se aplica entre o clítico e a palavra lexical. Nos termos da autora,

A elisão, diferentemente da degeminação, abrange todos os domínios do pós-léxico, do menor ao maior, mas nenhum do léxico, manifestando-

⁴ O pé métrico (Σ) é uma estrutura hierárquica menor ou igual à palavra morfológica que se define pela relação de dominância que se estabelece entre duas ou mais sílabas. É uma estrutura cuja proeminência se caracteriza em ser forte ou fraco somente em relação a outros elementos. Pode ser, dentre outros, troqueu (forte/fraco) ou iambo (fraco/forte). Vejamos alguns exemplos: (a) casa; (b) café; (c) borboleta. Em (a), “casa” constitui um pé troqueu, uma vez que [ka] se constitui como uma sílaba forte em relação à sílaba [za]. Em (b), o pé é iambo, dado que, em relação a sílaba [ka], a sílaba [fe] se constitui como uma sílaba forte. Em (c), o exemplo é de uma palavra constituída por dois pés troqueus: [borbo] [leta].

-se exclusivamente como sândi externo. Eis um argumento seguro para sustentar a hipótese da prosodização do clítico em nível pós-lexical. (BISOL, 2000: 21)

Dessa forma, a autora apresenta evidências de que o clítico não faz parte da palavra fonológica lexical, mas forma um constituinte prosódico pós-lexical com a palavra de conteúdo com que se relaciona.

Apesar de autores como Nespor e Vogel (1986) e Bisol (2000) argumentarem a favor da existência do grupo clítico, há autores, como Selkirk (1986), Vigário (2003, 2007) Simioni (2008), Brisolara (2008) entre outros, que se colocam contrários a essa posição, pois afirmam que os clíticos, certas vezes, se comportam como afixos e se juntam à palavra vizinha e ambos são prosodizados como um único constituinte, a palavra fonológica, e, outras vezes, se comportam como palavra independente, pertencendo ao sintagma ou frase fonológica.⁵

Para Selkirk (1986), o grupo clítico não faz parte da hierarquia prosódica, pois esse se incorpora à palavra fonológica por não ter acento. Dessa forma, “fala-se” e “te espero” constituiriam um só vocábulo. Da mesma forma que Selkirk (1986), Vigário (2003) assume que o grupo clítico não ocupa espaço na hierarquia prosódica para o Português Europeu. Segundo Vigário (2003), os clíticos são elementos que se ligam a outros itens da estrutura prosódica. Para a autora, os hospedeiros possíveis para os clíticos são a palavra fonológica, a frase fonológica e a frase entoacional. No entanto, no Português Europeu, a palavra fonológica parece ser o hospedeiro mais frequente. Vigário conclui seu trabalho, afirmando a não existência do grupo clítico na hierarquia prosódica, e dizendo que os clíticos são ligados ao hospedeiro no nível pós-lexical. Além disso, a autora afirma que os proclíticos e os enclíticos não se comportam da mesma maneira, revelando assimetrias que se referem ao fato de os proclíticos apresentarem estrutura de adjunção e os enclíticos, de incorporação ao

⁵ Considerando a hierarquia prosódica de Nespor e Vogel (1986), Bisol (1996: 254) define a frase fonológica como “o constituinte que congrega um ou mais grupos clíticos, ou seja, o grupo clítico propriamente dito e a palavra fonológica, ambos C neste nível. Em outros termos, a frase fonológica é constituída das unidades imediatamente mais baixas: o grupo clítico, que tanto pode ser uma locução (a casa) quanto apenas uma palavra fonológica (casa)”.

hospedeiro. Observa-se, por fim, que Vigário considera que os clíticos não se comportam como afixos flexionais, uma vez que os clíticos não se submetem a algumas regras que têm como aplicação esses afixos.

Simioni (2008), em seu trabalho sobre a estrutura prosódica dos clíticos em PB, defende a hipótese de que o grupo clítico não forma um constituinte da hierarquia prosódica, contrariando Bisol (2000, 2005). Para a autora, o clítico se caracteriza por apresentar propriedades de afixos, uma vez que são átonos, ao mesmo tempo em que apresentam propriedades de palavra lexical, devido à sua mobilidade. Com isso, tem-se que o clítico é uma palavra funcional átona. Simioni argumenta que, entre as possibilidades de prosodização, o PB escolhe aquela em que o clítico se une diretamente a uma frase fonológica, em razão de que:

i) não se comporta como uma palavra prosódica independente, ii) não se comporta como uma sílaba pretônica (no caso dos proclíticos) ou postônica (no caso dos enclíticos) e iii) parece não se comportar como se estivesse no início de uma palavra prosódica. Com relação a (ii), percebe-se que parece não haver em PB uma distinção entre próclise e ênclise em termos de estrutura prosódica, ao contrário do que acontece em outras línguas. (SIMIONI, 2008: 444)

Também Brisolara (2008), em seu trabalho sobre os clíticos pronominais em uma variedade gaúcha, apresenta argumentos contrários à proposta de Bisol (2000), uma vez que defende a não existência do grupo clítico. Para a autora, o clítico forma, com seu hospedeiro, uma palavra fonológica pós-lexical, algo já observado por Vigário (2003) para o Português Europeu.

Como pudemos observar, há divergências a respeito da existência do grupo clítico na hierarquia prosódica. Diante desse cenário, salientamos que a proposta de nosso trabalho não é realizar uma discussão sobre a existência ou não do grupo clítico no PB a partir dos textos escritos que consideramos, uma vez que os dados extraídos desses textos não se mostram, ao menos nesse momento do estudo, suficientes para extrair evidências a favor desse domínio prosódico, mas buscaremos mostrar como certos clíticos não são grafados conforme as convenções ortográficas, contribuindo, assim, para futuras reflexões sobre a caracterização dos clíticos em específico na hierarquia prosódica.

Em resumo, assumimos a visão da hierarquia prosódica de Nespor e Vogel (1986) – e particularmente os argumentos de Bisol (2000, 2005) para os domínios de palavra fonológica e grupo clítico em PB – para alcançar a meta de investigar quais constituintes prosódicos podem ter, de modo mais evidente, motivado a ocorrência dos dados de hipo e hipersegmentação, possibilitando, assim, caracterizá-los frente aos demais trabalhos que abordam a mesma temática desta pesquisa, como aqueles que analisam dados de segmentação não-convencional de palavras em textos infantis.

Antes de passarmos à análise dos dados, descreveremos, na próxima seção, as características e os critérios para constituição do corpus de investigação.

3. As características do corpus

Os textos a partir dos quais extraímos as ocorrências de segmentação não-convencional pertencem ao Banco de Produções Escritas do Ensino Fundamental II, constituído por textos escritos de alunos de sexto ao nono ano (quinta a oitava série, na época da coleta) do EF de uma escola estadual situada na cidade de São José do Rio Preto (SP).⁶

Para o desenvolvimento deste estudo, foram selecionados textos de 107 sujeitos de cinco turmas de sexto ano que integram o banco de dados. Esses sujeitos foram selecionados por atenderem aos dois critérios de seleção adotados na pesquisa que conduzimos: (i) alunos que fizeram a primeira e a última proposta (P1 e P6) de produção escrita; (ii) alunos que tiveram entre 100% e 85% de frequência nas oficinas oferecidas pelo projeto de extensão do qual originou o banco. O primeiro critério de seleção é justificado pelo fato de ser necessário que o aluno tenha produzido minimamente esses dois textos, um no início do ano e o outro no término do ano letivo, para que, posteriormente, seja possível verificar como o aluno iniciou e como ele terminou a, então,

⁶ O banco de textos é constituído a partir do Projeto de Extensão Universitária “Desenvolvimento de Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual”, financiado pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEx) da UNESP. O projeto, coordenado pelas professoras Dras. Luciani Tenani e Sanderleia Longhin-Thomazi (UNESP/SJRP), está vinculado ao grupo de pesquisa “Estudos sobre a Linguagem” (GPEL/CNPq), coordenado pelo professor Dr. Lourenço Chacon (UNESP/Marília).

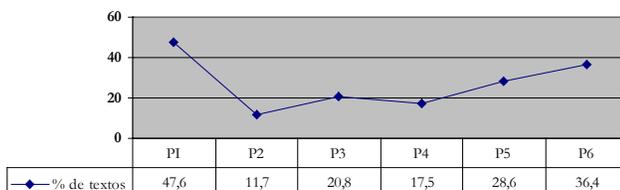
quinta série do EF, levando em consideração a segmentação não-convencional de palavras. O segundo critério foi estabelecido para ser possível garantir um mesmo perfil dos alunos quanto à participação no projeto de extensão. Dessa forma, atendem aos dois critérios de seleção 606 produções escritas originadas a partir de seis diferentes propostas (pertencentes a diferentes gêneros/tipos textuais)⁷.

Das 606 produções textuais analisadas, foram encontrados, no total, 166 textos, perfazendo 27,4% do total, com algum tipo de segmentação não-convencional de palavra. Essa porcentagem varia a depender da proposta, conforme se visualiza no Gráfico 1, abaixo. É possível observar uma queda na curva de porcentagem de textos com algum tipo de segmentação não-convencional da P1 para a P2, essa curva tende a subir da P2 para a P3, apresenta pouca alteração da P3 para a P4 e aumenta da P4 para P5 e da P5 para P6; no entanto, os valores encontrados foram sempre inferiores ao valor encontrado na P1. Um dos possíveis motivos da queda na curva do número total de textos da P1 para a P2, e posteriormente o aumento gradativo do número total nas demais propostas, pode estar ligado ao gênero/tipo⁸ textuais a que pertencem às propostas. No Quadro 1, damos a tipologia e o gênero textual de cada proposta de redação para o sexto ano tal como foi seguida pela escola.

⁷ Na Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008), tipologias e gêneros textuais constituem eixos de organização do trabalho pedagógico. A noção de texto é explicitada nos seguintes termos: “Nesse sentido, baseamo-nos em uma ampla concepção de texto, visto sob dois aspectos principais: Ele será compreendido em sentido semiótico, podendo, assim, estar organizado a partir da combinação de diferentes linguagens, não apenas a verbal (assim, uma foto, uma cena de telenovela, uma canção, entre muitas outras possibilidades, serão compreendidas como textos); O estudo do texto terá ainda como premissa sua inserção em dada situação de comunicação – podendo, dessa forma, ser entendido como sinônimo de enunciado. Ele não será visto como objeto portador de sentido em si mesmo, mas como uma tessitura que, inserida em contextos mais amplos, materializa as trocas comunicativas entre os seres; esse resultado não deve ser analisado apenas como uma organização de frases e palavras, mas como forma de representação de valores, tensões e desejos de indivíduos, inseridos em diversos sociais, em um momento histórico determinado” (p. 46).

⁸ As noções de gênero e tipo textual não são foco de análise e discussão deste trabalho. Limita-se neste texto a assumir a classificação quanto à tipologia e ao gênero previstos na Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008), uma vez que as oficinas de leitura, interpretação e produção textual desenvolvidas na escola para a coleta de dados atenderam a uma exigência da coordenação da escola: considerar o conteúdo trabalhado em sala de aula pelos professores de Língua Portuguesa, os quais, por sua vez, seguiram a Proposta Curricular do Estado.

Gráfico 1. Porcentagem de textos com segmentação não-convencional nas diferentes propostas



Quadro 1. Tipologia e gênero textual de cada uma das propostas

Proposta	Tipologia textual	Gênero textual
1	Narrativa	Conto
2	Relato	Cordel
3	Relato	Experiência vivida
4	Relato	Carta pessoal
5	Narrativa	Conto
6	Narrativa	Conto

Ao relacionarmos o Gráfico 1 com o Quadro 1, podemos dizer que as propostas que apresentam maior número de texto com algum tipo de segmentação não-convencional pertencem à mesma tipologia e o mesmo gênero, isto é, as propostas P1, P5 e P6 são da tipologia narrativa, do gênero conto. Por outro lado, as propostas que apresentam menor número de textos com segmentação não-convencional, ou seja, a P2, a P3 e a P4 pertencem à tipologia relato. Com isso, fundamentamos a hipótese de que o maior número de texto com algum tipo de segmentação não-convencional possa estar ligado à tipologia narrativa e ao gênero conto a que a proposta pertence, possivelmente em função das características desses textos. No entanto, acenamos para a necessidade de haver um aprofundamento das noções de tipologia e gênero textuais para ser dado tratamento mais aprofundado sobre essa correlação, o que não é o nosso propósito neste texto. Limitamo-nos, pois, a apontar essa possível correlação.

Por meio da Tabela 1, constata-se a distribuição dos tipos de segmentação não-convencionais em relação às propostas, além de se visualizar os totais de textos considerados. Destaca-se que, há uma tendência de haver mais textos com hipossegmentação do que com hipersegmentação, essa tendência só irá se inverter na última proposta (P6), quando encontramos 19 textos com hipersegmentação contra 13 textos com hipossegmentação. O número maior de textos com hipersegmentação, na P6, pode estar associado ao fato de nessa proposta a palavra “Disneylândia” ter sido grafada separadamente “disney landia” em várias das produções analisadas. Excluída a consideração dessas grafias que são de um nome próprio de origem estrangeira, a tendência geral também se observa na P6. Verifica-se, ainda, a tendência em haver, em todas as propostas, menos textos com ambos os tipos de ocorrências (totalizando 40 textos, ou seja, 24%) do que textos com apenas um tipo de segmentação (que totalizam 126 textos (76%), sendo 80 com hipersegmentação (48,2%) e 46 com hipossegmentação (27,8%). Interpretamos esse resultado quantitativo como um índice do tipo de “dúvida” dos escreventes desse nível de escolaridade acerca da grafia das palavras: a tendência é juntar as palavras, sendo menos frequente, em um mesmo texto, oscilar entre juntar e separar de modo não-convencional as palavras.

Tabela 1. Distribuição de segmentação não-convencional nos textos

Propostas	Textos com hipo	Textos com hiper	Textos com ambos	Total de textos com segmentação	Total de textos analisados
P1	25	12	14	51	107
P2	7	3	2	12	102
P3	12	5	3	20	96
P4	11	3	4	18	103
P5	12	4	10	26	91
P6	13	19	7	39	107
TOTAL	80	46	40	166	606

Nos 166 textos, foram identificadas 326 ocorrências de segmentação não-convencional de palavras: 198 hipossegmentações (60,7%) e 128 hipersegmentações (39,3%). Uma lista com as ocorrências de segmentação não-convencional de palavras classificadas em hiper e hipossegmentação é dada no Quadro 2. Em seguida, na Tabela 2, apresentamos a distribuição dessas ocorrências a depender dos tipos de segmentação não-convencional entre as propostas de produção de escrita que motivaram a produção de textos analisados.

Quadro 2. Ocorrências de segmentação não-convencional

Hipossegmentação	Hipersegmentação
<p><i>anoite, amais, apegou, afrente, atarde, agente (25x), abusademaís, lidario, derepente (2x), derrepente (8x), típeguei, soque (só que), alconçalo, perseguido(s) (3x), pegala, despistalos; depistalo, matalo, achalo, rapitala, socorrela, socorela, buscala, velo, ensima (5x), encima (4x), emcima, encina, denovo (6x), dinovo, devolta, decorrida, batena, noestomago, ajudime (3x), meamava, meresta, porfavor, pofaro, portodos, porcausa, praça, porsima, vamo fazer, befeito (bem feito), teamo, tecolocar, uque (2x), oque (14x), eo, eseu, ciesconder, tábom, tambom, porque (2x), poroutro, poraqui, nasabe [não sabe], não core, visemosdois, istoriacaiba, meuscolegas, vaiacabar, ea (2x), concertezça, tenfim, pramim, pelomenos, proresto, porcausa, quieriaser, teleplana, comprauma, dela [de lá] (2x), emais, comtudo, tevejo, velos, ajudalos, enfrente, eter, dinada, haesses, porenquanto, poraqui, revelea, eai, eos, oque (4x), jatem, visitala, amina, tabom, temedo (te mando), pelomenos, in pé, envez, umonte, sabené, doque, alcontrario, apé, delá, porai, poraque, pralá, escrevelo, paraçe [para ver], derrotalos, amaquina, omenos [ou menos], anoite, apare (a parede), alcontraria, alende, alevantar, asmalas, ocen,, masdormea, daora (3x), pracome, medeu, indabem, queir, sorteioque</i></p>	<p><i>a noítecen, a trás (2x), a panbo, a onde (3x), a quele (3x), á te, ag ora, a gora (2x), em borá, em bora (5x), e ducado, es tava, cava lo, na que la (2x), na quele (3x), na que le, por que (10x), com dinuou, com sigo, com migo (5x), co migo, da lí, de se, disse deram, de pressa, da qui, da quele (2x), da que la, so Zinbo, ou tra, que rida, Bota-Fogo, des de, em fim, en tão, que ria (2x), com pra, a caba, com esse, Wolle Wood, deixa-se [deixasse], aparece-se [aparecesse], a quele, a i (2x), com versa, extra terrestre (4x), estra terrestre (3x), estra terestre (2x), i a (2x), es quito, ero-navi, via jem, pença mendo, áerio porto, aero porto, desney landia, disney landia (8x), disney lândia (4x), de morada, de mais, de pois, a pesar, anti penultimo, a inda, em fim, ém barcou, em quanto, con binado, ca deiras</i></p>

Tabela 2. Total de hipossegmentações e hipersegmentações nas propostas analisadas

Proposta	Hipossegmentações	Hipersegmentações	Total
P1	66 (20,2%)	40 (12,3%)	106 (32,5%)
P2	14 (4,3%)	6 (1,8%)	20 (6,1%)
P3	21 (6,4%)	8 (2,5%)	29 (8,9%)
P4	24 (7,4%)	9 (2,8%)	33 (10,2%)
P5	33 (10,1%)	19 (5,8%)	52 (15,9%)
P6	40 (12,3%)	46 (14,1%)	86 (26,4%)
Total	198 (60,7%)	128 (39,3%)	326 (100%)

Da Tabela 2, pode-se afirmar que, excluindo a P6 que apresenta maior número de hipersegmentações do que hipossegmentações, como observado anteriormente, as demais propostas seguem uma tendência já observada por autores como Ferreiro e Pontecorvo (1996) e Cunha (2004) ao analisarem dados de segmentação não-convencional em textos de crianças das séries iniciais, isto é, apresentar maior número de hipossegmentações do que hipersegmentações. Podemos, então, concluir que a tendência em haver mais junturas do que segmentações não-convencionais se mantém no início do segundo ciclo do EF.⁹

Descritas as características gerais da distribuição das ocorrências nos textos e nas propostas, passamos a analisar todas as ocorrências de segmentação não-convencional em termos dos constituintes prosódicos *palavra fonológica*

⁹ Cabe observar que os sujeitos que produziram os textos que analisamos estavam matriculados, na época, na primeira série posterior ao primeiro ciclo do Ensino Fundamental e, de acordo com os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) para o ensino de Língua Portuguesa, de 1ª a 4ª séries, os alunos que concluem o primeiro ciclo deveriam “escrever textos com domínio da separação em palavras, estabilidade de palavras de ortografia regular e de irregulares mais frequentes na escrita e utilização de recursos do sistema de pontuação para dividir o texto em frases;” (p. 80) (grifo nosso). Os nossos dados mostram que os alunos de sexto ano (quinta série) continuam com dificuldades em grafar palavras mais frequentes depois de terem concluído o quinto ano (antiga quarta série). Acreditamos que esse resultado não deve ser tomado como um indício de Transtornos Específicos do Desenvolvimento das Habilidades Escolares (F81 no CID 10 – Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde) obrigatoriamente, mas aponta para a necessidade de se investigar o tema mais amplamente, considerando-se, por exemplos, os aspectos linguísticos (como os que este trabalho procura abordar) que possam motivar a permanência desses chamados “erros de segmentação” nas séries/anos mais avançados do EF.

e *grupo clítico*. Na próxima seção, passaremos a explicitar a análise prosódica desses dados.

4. Uma análise prosódica dos dados

Cabe salientar que focalizaremos, na análise quantitativa dos dados, como a organização prosódica da língua, principalmente, as relações entre os constituintes prosódicos *palavra fonológica* e *grupo clítico*, pode ser relevante para análise de segmentações não-convencionais, uma vez que permitem explicitar características gerais das ocorrências identificadas na seção anterior. Buscaremos, ainda, tecer relações que permitam evidenciar que características prosódicas, além daquelas relacionadas aos domínios mencionados, se mostram mais salientes aos escreventes quando têm por tarefa segmentar o *continuum* fônico em unidades gráficas.

Na análise prosódica, a presença de espaço em branco em locais não previstos pelas convenções ortográficas, isto é, os casos de hipersegmentação, foi tomada como critério para interpretar que o escrevente analisou a cadeia fônica como duas unidades prosódicas. Já nos casos de hipossegmentação, a ausência de espaços em branco em locais não previstos pelas convenções ortográficas foi considerada como critério para interpretar que o escrevente analisou a cadeia fônica como uma única unidade prosódica. Para os dois casos, tanto de hipersegmentação, quanto de hipossegmentação, como podemos observar nas Tabelas 3 e 4, respectivamente, realizamos a análise prosódica dos dados e identificamos como mais relevantes as noções de palavra fonológica e grupo clítico. Ou seja, quando há hipersegmentação, a palavra prosódica é analisada como um grupo clítico, por exemplo, “em bora”, em que a palavra fonológica (ω) “embora” é interpretada como constituída de clítico (cl) “em” + (pseudo) palavra fonológica (ω) “bora”¹⁰; e quando há hipossegmentação, o grupo clítico (cl) é analisado como uma palavra prosódica, como, por exemplo, “porfavor”, em que o clítico (cl) “por” é interpretado como parte da palavra fonológica “favor” (ω). Há, de modo geral, uma flutuação entre esses dois constituintes

¹⁰ Nos termos de Cunha (2004), uma pseudo-palavra seria uma palavra que tem acento primário e que, embora não tenha significado conhecido na língua, são candidatas para tal.

prosódicos, como já havia mostrado Tenani (2011) ao analisar dados de três turmas de sexto ano do EF.¹¹

Tabela 3. Estruturas prosódicas envolvidas nas hipossegmentações

Propostas	Hipossegmentação				Total
	$\omega + cl > \omega$	$cl + \omega > \omega$	$Cl + cl > \omega$	$\omega + \omega > \phi$	
P1	19	35	07	05	66
P2	-	03	04	07	14
P3	02	14	02	03	21
P4	01	15	05	03	24
P5	02	23	06	02	33
P6	02	32	04	02	40
Total	26	122	28	22	198

Tabela 4. Estruturas prosódicas envolvidas nas hipersegmentações

Proposta	Hipersegmentação				Total
	$\omega > \omega + cl$	$\omega > cl + \omega$	$\omega > cl + cl$	$\omega > \omega + \omega$	
P1	01	27	10	02	40
P2	01	03	01	01	06
P3	-	06	01	01	08
P4	-	05	04	-	09
P5	01	09	02	07	19
P6	-	24	07	15	46
Total	03	74	25	26	128

Da Tabela 3, destacamos que, nos casos de hipossegmentação, há o predomínio de uma das estruturas prosódica, isto é, um clítico seguido de

¹¹ Parte dos textos que compõe esta pesquisa são também analisados por Tenani (2011). Naquele trabalho, a autora analisou todos os textos produzidos a partir da primeira proposta realizada em três das cinco turmas que neste trabalho consideramos. Portanto, neste texto, consideramos um número maior de textos e alunos com um perfil relativamente distinto daquele observado por Tenani (2011).

uma palavra fonológica (cl + ω): das 198 hipossegmentações encontradas, 122 apresentam esse tipo estrutura (61,6%). Exemplo dessa estrutura são “meajuda” e “teamo”, em que o clítico se torna, na interpretação do sujeito escrevente, uma sílaba pretônica da palavra. Prosodicamente, “me ajuda” e “te amo” constituem grupos clíticos. Verifica-se, ainda, a recorrência desse tipo de estrutura nas diferentes propostas consideradas, exceto na P2. A hipótese para explicar essa constatação está no tipo/gênero textual a que pertencem os textos dessa proposta na medida em que apenas essa pertence ao gênero cordel, mas, como já apontado, uma reflexão sobre esse tipo de relação será tema de futuras investigações.

Ainda houve, entre as hipossegmentações, três outros tipos de estruturas, a saber:

$\omega + \text{cl} > \omega$, como “ajude-me” > “ajudime” (13,1%);

$\text{cl} + \text{cl} > \omega$, como “o que” > “oque” (14,2%);

$\omega + \omega > \phi$, como “vamos fazer” > “vamofazer” (11,1%).

Somados, esses tipos de ocorrências chegam a 38,4% e cada um dos tipos têm, relativamente, números semelhantes de ocorrências, conforme se verifica na Tabela 3. No tipo (1) acima exemplificado, são predominantes estruturas em que se dá o emprego enclítico do pronome em relação ao verbo, uma estrutura típica de enunciados escritos. São, portanto grupos clíticos grafados como se fossem palavras. O tipo de estrutura (2) se caracteriza por junturas de dois elementos clíticos e, nesse caso, os elementos envolvidos na juntura não formam, em princípio, um grupo clítico, por não haver hospedeiro. Esse tipo de estrutura demanda um estudo de cada ocorrência em relação à organização do enunciado em que ocorre a fim de identificar, por exemplo, evidências que confirmem ou refutem a hipótese de que esse tipo de grafia não-convencional possa ser vista como uma projeção, no enunciado escrito, de uma organização rítmica dos enunciados falados que otimiza os intervalos de sílabas átonas entre as tônicas. Por fim, o tipo de estrutura exemplificada em (3) se particulariza frente às demais estruturas identificadas por não envolver elementos clíticos e por envolver o domínio de frase fonológica – como é o caso em ([vamos] ω [fazer] ω) ϕ . As ocorrências desse tipo podem, ainda, ser vistas, com base em

Silva (1991), como resultado da percepção do que seria a pronúncia dessas sequências nos enunciados. Na fala, “vamofazer”, “befeito”, “abusademais”, por exemplo, seriam grupos de força, em que a intensidade mais perceptível estaria nas tônicas de “fazer”, “feito” e “demais”,¹² por isso o escrevente toma toda a sequência como uma palavra, resultando em hipossegmentações.

Nos casos de hipersegmentação, destacamos, da Tabela 4, o predomínio da grafia de uma palavra prosódica como se fosse um grupo clítico (cl + ω): das 128 ocorrências de hipersegmentação, 74 exibem esse tipo de estrutura (57,8%). Um exemplo é “na quela”, sobre o qual podemos dizer que o escrevente analisou a sílaba pretônica da palavra como sendo o clítico “na”. Nota-se que as demais sílabas “quela” não correspondem a nenhuma palavra em Português, considerando-se os aspectos morfossemânticos, mas, fonologicamente, corresponde a uma “possível” palavra dissílaba paroxítona, estrutura recorrente na língua. Consta-se que o tipo de estrutura ora descrito é o mais recorrente independentemente do tipo/gênero textual a que o texto pertence.

Também verificam-se, para as hipersegmentações, três outros tipos de estruturas, a saber:

$\omega > \omega + \text{cl}$, como “aparecesse” > “aparece-se”;

$\omega > \text{cl} + \text{cl}$, como “desde” > “des de”; e

$\omega > \omega + \omega$, como “aeroporto” > “aéreo porto”.

A estrutura $\omega > \omega + \text{cl}$, exemplificada em (1), é a que apresenta o menor número de ocorrências (apenas 2,3% dos dados), enquanto os dois últimos tipos de estruturas têm números semelhantes de ocorrências (cf. Tabela 4), equivalendo, respectivamente, a 19,6% e 20,3% dos dados. Sobre o tipo de estrutura exemplificada em (1), é pertinente compará-la com a estrutura $\omega + \text{cl} > \omega$, identificada entre as hipossegmentações: “ajudime” *versus* “aparece-se”. Os dois tipos de ocorrências deixam entrever que a identificação da estrutura com ênclise verbal é um desafio ao escrevente do sexto ano do EF: ora não

¹² O autor chama atenção, também, para a semântica dos Grupos de Força que pode ter um papel muito importante para o escrevente na identificação de unidades gráficas. Sobre esse aspecto, no entanto, não trataremos neste texto.

reconhece essa estrutura, como em “ajudime”, ora projeta-a quando se trata de uma forma verbal, como em “aparece-se”. Ao aproximarmos esses dois tipos de segmentação não-convencional de palavras, explicitamos de que maneira os sujeitos lidam, no processo de produção de seus textos, simultaneamente, com características dos enunciados falados (como o constituinte grupo clítico) e escritos (como conhecer o registro convencional de verbo-clítico).

No caso da estrutura (2), antes identificada, verifica-se o reconhecimento, por parte do escrevente, de palavras funcionais em uma sequência fônica, quando se tratam de sílabas átonas de palavras. Comparando-se, “des de”, uma palavra hipersegmentada, com “oque”, uma sequência de clíticos hipossegmentada, constata-se que a “dúvida” do escrevente do sexto ano diz respeito à grafia de elementos clíticos: junto ou separado? Se também considerarmos as hipossegmentações como “ajudime” e as hipersegmentações como “aparece-se”, anteriormente analisadas, encontramos mais evidências de ser a grafia dos elementos clíticos um desafio aos alunos do sexto ano do EF.

Quanto ao tipo de estrutura em (3), é importante destacar que se particulariza por não envolver clíticos e por evidenciar a percepção de um componente tônico da fala (como observou Silva (1991) para dados de escrita infantil), a partir do qual projeta a noção de palavra na escrita. Por “desconhecer” a grafia da palavra, o escrevente parece transpor para seu texto escrito unidades que lhe fazem sentido na linguagem oral. Já, em termos de constituintes prosódicos, a maioria desses casos de hipersegmentação é constituída de pés métricos, como em ([deci]Σ [diram]Σ)ω.¹³ Vale mencionar que esse tipo de ocorrência de hipersegmentação se assemelha ao tipo de hipossegmentação que não envolve elementos clíticos e que parecem sinalizar para a percepção do escrevente para as proeminências de diferentes domínios prosódicos: no caso de hipersegmentações como “deci diram”, é a proeminência dos pés métricos; no caso de hipossegmentações como “vamofazer”, é a proeminência da frase fonológica. Nesses dois casos de segmentação não-convencional, interpretamos que seja a percepção de níveis distintos de proeminência e a associação dessa percepção de proeminências à noção de palavra prosódica que é projetada no registro gráfico não-convencional da palavra na escrita.

¹³ Lembramos que Bisol (1996: 250) define o pé métrico da seguinte forma: “entende-se por pé métrico a relação de dominância que se estabelece entre duas ou mais sílabas”.

Feita a descrição dos tipos de estruturas prosódicas que identificamos, passamos a tratar de outro aspecto relevante para a análise prosódica das hipossegmentações e hipersegmentações: a classe gramatical do elemento clítico. Na Tabela 5, fazemos a correlação entre a classe gramatical do elemento clítico e as hipossegmentações. Em 198 casos de hipossegmentação classificados quanto às classes gramaticais mais envolvidas na grafia dos clíticos, verifica-se o predomínio de preposições e pronomes. Há um predomínio de o clítico ser uma preposição (107 ocorrências), quando a estrutura for clítico + palavra prosódica, como, por exemplo, em “poraqui”, como também há a predominância de o clítico ser um pronome (21 ocorrências), quando o verbo for seguido de um clítico, como em “despistalo”.

Tabela 5. Categorias gramaticais envolvida nas hipossegmentações

Categoria gramatical	Hipossegmentação			
	$\omega + \text{cl}$	$\text{cl} + \omega$	$\text{cl} + \text{cl}$	$\omega + \omega$
Preposição	4	107	36	-
Pronome	21	9	-	-
Conjunção	1	-	-	1
Outros	-	-	-	19
Total	26	116	36	20

Na Tabela 6, em que os 128 casos de hipersegmentação são classificados em relação às categorias gramaticais mais envolvidas nas grafias dos clíticos, há o predomínio das preposições (95 ocorrências no total). Podemos dizer, em outras palavras, que a sílaba pretônica da palavra grafada entre espaços em branco é analisada como um clítico, esse pode pertencer a um conjunto de preposições e/ou contrações de preposição + artigo (“da, de, a, com, em, na”, formas mais encontradas), como em “em bora” e “da quele”, tipo de dado mais recorrente (70 ocorrências).

Tabela 6. Categorias gramaticais envolvida nas hipersegmentações

Categoria gramatical	Hipersegmentação			
	$\omega + cl$	$cl + \omega$	$cl + cl$	$\omega + \omega$
Preposição	-	70	25	-
Pronome	3	-	-	-
Conjunção	-	1	-	-
Outros	1	1	2	25
Total	4	72	27	25

Conclui-se, por meio dos resultados acima apresentados, que as ocorrências de segmentação não-convencional de palavras que podem ainda ser encontradas em produções textuais de escreventes de sexto ano do EF são motivadas, frequentemente, por uma dificuldade em grafar categorias gramaticais expressas por monossílabos não-acentuados, como por exemplo, preposições como “em, de, com”, e pronomes como “me, lhe, lo”.

Assim como já mostrado por Tenani (2011), a categorial gramatical dos elementos clíticos é uma informação relevante não só por mostrar os tipos de categorias gramaticais com as quais os alunos ainda apresentam dificuldade na escrita convencional, mas também, por permitir observar uma diferença qualitativa quando comparamos os dados de escreventes de sexto ano do EF com os dados de alunos em fase inicial de aquisição da escrita infantil (de primeira à quarta série do EF). Os dados analisados por Paula (2007), que podemos observar no Quadro 3, quando comparados aos que encontramos, permitem verificar uma diferença entre os dados de hipersegmentação: as sílabas pretônicas das palavras grafadas entre espaços em branco, por escreventes em fase inicial de alfabetização, não têm, necessariamente, elementos pertencentes a categorias gramaticais da língua portuguesa, como, por exemplo, “es cola” e “ma telo”. Afirmamos, então, que essa diferença encontra-se ancorada nas diferentes maneiras pelas quais se dá o trânsito dos escreventes por informações letradas, essas que são construídas pelo contato do escrevente com práticas sociais letradas/ escritas, podendo não ser necessariamente desenvolvidas em ambiente escolar, como também, não se relacionar com o tempo de escolarização.

Quadro 3. Hipersegmentação na fase inicial de aquisição da escrita

a çúcar (açúcar)	es cola (escola)
a miga (amiga)	es piro (espirro)
a ruma (arrumar)	e tava (estava)
com vite (convite)	ma telo (martelo)

Feita a descrição das estruturas prosódicas mais recorrentes nos textos que investigamos, passamos, na próxima seção, a tratar dos poucos casos denominados “mesclas” ou “híbridos” por haver, em uma mesma sequência, hipo e hipersegmentação.

5. Mescla de hipo e hipersegmentação

As ocorrências de hipo e hipersegmentação simultâneas ocorreram somente em alguns poucos textos analisados, porém são relevantes para confirmarem algumas das regularidades já demonstradas quando na análise quantitativa das hipo e hipersegmentações já analisadas. Por serem em um número reduzido, optamos por realizar uma análise não só do dado, mas dessa ocorrência levando-se em conta, também, o texto em que ela se encontra. Apresentaremos e analisaremos, abaixo, os três textos em que os dados de hipo e hipersegmentação foram encontrados em uma mesma sequência.

O primo tudo bem com
 Pelomenos aqui com migo
 O primo, eu queria
 pequena fração pra você
 que quer saber se
 internet? e também quer
 se e internet? man, Google?
 bem quer saber se ele é dia
 O primo quer saber
 e você vai vir aqui de
 há e também quer
 como é que manda cartas pe
 pu. tacto.
 Há essas coisas estran
 noronias? porque parece "ano
 elas tem a nome bem es
 não é primo da cidade?
 Primo x em pra cá nese

Texto 1. Fonte: Z08_5E_01F_04¹⁴

No Texto 1, há duas ocorrências de mescla, a saber “oq u” e “pura qui”, além de outros tipos de segmentação não-convencional, isto é, hipossegmentações: “pelomenos” e “oque”; hipersegmentação: “com migo”.¹⁵ Podemos dizer que esse texto foge da tendência observada nos demais textos de quinta série do EF, isto é, apresenta, relativamente, um maior número de dados de segmentação não-convencional de palavras, ou seja, cinco segmentações, quando a grande parte dos textos do corpus estudado apresenta de um a três dados de segmentação não-convencional em um mesmo texto. Além disso, é comum encontrar nos textos de quinta série apenas dois tipos de segmentação não-convencional de palavras, hipo e hipersegmentação. Essas características relativas ao tipo e ao número de ocorrências sugerem uma “pista” de que o escrevente desse texto tem dificuldades em segmentar as palavras.

¹⁴ A codificação apresentada segue as normas de identificação de textos e sujeito do banco de dados a que esse texto pertence; os elementos separados pelo traço correspondem respectivamente a: escola/ano de coleta do texto; série/turma; sujeito/sexo; proposta de redação.

¹⁵ Nota-se também um dado de translineação – destacado em verde – quando, na margem do texto, “oq ue” não é grafado segundo as convenções. Esse tipo de dado não foi considerado por envolver as convenções de translineação.

Em se tratando das estruturas prosódicas envolvidas nas ocorrências de segmentações não-convencionais, neste texto, verificamos que essas estruturas diferenciam-se das estruturas mais recorrentes observadas nos dados em geral. Enquanto constamos em nossa análise que a estrutura prosódica mais envolvida nos casos de hipossegmentação é “cl + ω > ω ”, como em “porfavor”, as hipossegmentações presentes no Texto 1 em análise envolvem as estruturas prosódicas “ ω + ω ” (“pelomenos”) e “cl + cl” (“oque”) que são as menos frequentes nos dados de hipossegmentação. Já o caso da hipersegmentação “com migo” é o único que segue a tendência geral, ou seja, os dados de hipersegmentação, de acordo com nossa pesquisa, apresentam como estrutura prosódica mais recorrente “ ω < cl + ω ”.

Passemos aos dados de mescla deste texto: “oq ue” e “pura qui”. Vale salientar que consideramos esses dados como sendo dados de mescla, pois, ao compararmos a distribuição dos espaços em branco entre as palavras que se repetem ao longo do texto, verificamos haver uma diferença significativa entre os espaços a ponto de considerá-las hipo e hipersegmentações em uma mesma sequência. Observamos isto claramente quando comparamos as grafias das sequências “o que” ao longo do texto do escrevente: quando essa sequência aparece pela primeira vez no texto, temos a certeza de ser uma hipossegmentação (~~o q u e~~); já quando ocorre por uma terceira vez, apresenta-se como um dado de mescla (~~o q u e~~). Ainda analisando o dado “oq ue”, consideramos que se trata de uma hipossegmentação e de uma hipersegmentação simultaneamente por compararmos com outros dados presentes no mesmo texto. Porém, ao considerarmos “oq ue” como um dado de hipersegmentação, verificamos que esse dado foge totalmente da tendência da colocação do espaço em branco em locais não previstos pela ortografia quando o comparamos com dados identificados tanto nos demais textos de sexto ano, quanto nos textos do primeiro ciclo do EF, como os observados por Chacon (2004), uma vez que os espaços em branco são colocados geralmente no interior da palavra, nunca rompendo a estrutura de sílaba ou de representação gráfica da sílaba, como ocorre em “oq ue”. Considerando, agora, o dado de mescla “pura qui”, podemos dizer que essa hipossegmentação e hipersegmentação em uma mesma sequência pode ter sido motivada em função do reconhecimento, por parte do sujeito escrevente, de duas palavras, ou seja, o substantivo feminino “pura” e a conjunção “que”,

que na variedade falada na comunidade onde o escrevente reside pode ter a vogal /e/ realizada como [i], o que motivaria a grafia “qui”.

A seguir, apresentamos o segundo texto em que ocorrem dados de mesclas ou híbridos.

Eu fui no aeroporto e chegando eu vi um avião enorme e o avião começou a levantar vôo.
Eu fiquei com um pouco de medo no começo mais me acostumei.

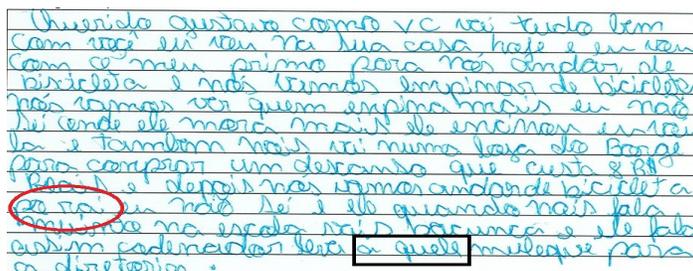
comecei a escutar musica a estava me esquecendo tenho certeza que voces esta muito louca de vontade de saber quem eu to levando a minha amiga Beatriz e a minha mãe pagou para a minha outra amiga Kariele e a gente chegou e tinha um homem com uma praça escrito jakeline que veio de rio preto com sua pia e a tam chegou tinha um castelo este que esta na foto ai encim da se passou quatro dia no parque três dias para agente ir embora e agente ainda nem conheceu o parque inteiro deixa eu ficar para qui porque se não eu não de, a gente de conheer o tempo do parque kusun beijos

Texto 2. Fonte: Z08_5C_19F_06

Da mesma forma que afirmamos, para o Texto 1, haver um número maior de segmentações que o número encontrado nos textos em geral, podemos dizer que o Texto 2, também, foge da tendência identificada para os textos de sexto ano por ter um número total de cinco segmentações não-convencionais. No entanto, quanto ao tipo de segmentações encontradas, podemos afirmar que o Texto 2 difere do Texto 1, pois apresenta somente dados de hipossegmentação e um dado de mescla, não havendo dados de hipersegmentação. Quanto às estruturas prosódicas envolvidas, verificamos que, ao contrário do que ocorre no Texto 1, as hipossegmentações presentes no Texto 2 pertencem à estrutura prosódica mais frequente entre as hipossegmentações analisadas nesta pesquisa, ou seja, “cl + ω > ω”, como, por exemplo, “agente”. Levando em consideração o dado “pora qui”, que classificamos como um dado de mescla, por envolver uma hipo e uma hipersegmentação na mesma seqüência, podemos dizer que é, em parte, motivado pela ressilabificação que se dá entre “por” e “aqui” nos enunciados falados: a coda de “por” passa, junto com a vogal “a” – de “aqui”

– a formar o ataque da nova sílaba “ra”. Assim, a sequência CVC+V.CV passa a CV.CV.CV, ou seja, todas as sílabas passaram a ser do tipo CV. De acordo com Abaurre (1988), a sílaba CV é considerada como padrão no português brasileiro e é um dos primeiros constituintes que a criança reconhece quando inicia o domínio da escrita. Desse modo, interpretamos que o dado de mescla em análise é fruto de uma reconstrução de sílaba e pode indicar uma “pista” de que esse escrevente ainda esteja em um processo de aquisição da escrita mais tardio em relação aos demais alunos de sua turma.

Passaremos a análise o último texto em que ocorre dado de mescla.



Texto 3. Fonte: Z08_5A_15M_04

Quanto ao Texto 3, podemos dizer que ele segue a tendência quanto ao número de segmentações não-convencional de palavras, ou seja, apresenta apenas duas segmentações não-convencionais, sendo uma hipersegmentação e um dado de mescla. Em se tratando da estrutura prosódica envolvida na hipersegmentação, verificamos que, também, encontra-se dentro da tendência observada para as hipersegmentações no corpúsculo investigado, isto é, a hiposegmentação “a quele” tem a estrutura prosódica mais recorrente “ $\omega > cl + \omega$ ”. Já sobre o dado de mescla, podemos afirmar que há uma separação entre a sílaba átona “po” e a tônica “ra”, que juntas formariam um pé iâmbico. Uma hipótese para essa segmentação é justamente o possível isolamento gráfico da sílaba tônica percebida pelo escrevente.

Com base nas análises apresentadas para cada um dos tipos de segmentação não-convencional de palavras, aqui expostos, procuramos descrever como características prosódicas podem ser observadas, explicitando

as estruturas mais recorrentes e as que podemos denominar de singulares (ABAURRE, 1996), como os dados de mescla analisados com base nos textos em que ocorrem.

6. Considerações finais

Neste texto, buscamos por meio da análise das segmentações não-convencional de palavras encontradas em textos de alunos de sexto ano do EF, observar:

- i. As hipóteses dos escreventes sobre o que seria a palavra na escrita. Essas hipóteses encontram-se ancoradas em informações prosódicas da língua (organização da língua em estruturas prosódicas como palavra fonológica e grupo clítico, predominantemente), como também, em informações letradas (no que diz respeito às colocações de espaços em branco que indicariam o que seria considerado uma palavra na escrita, especialmente os clíticos);
- ii. As reflexões dos escreventes sobre itens gramaticais da língua portuguesa. Verificamos uma dificuldade de os escreventes identificarem categorias gramaticais, principalmente, preposições, pronomes e conjunções, itens gramaticais em que estão em jogo os clíticos prosódicos; e
- iii. A organização prosódica da língua, isto é, os dados analisados nos mostraram que os escreventes operam com hipóteses sobre a organização dos monossílabos átonos em estruturas prosódicas, principalmente, palavra prosódica e grupo clítico.

Também buscamos demonstrar, por meio da análise qualitativa dos dados de mescla a partir dos textos dos escreventes do sexto ano do EF, como o processo de aquisição da escrita ocorre de maneira diferente entre os sujeitos de um mesmo ano escolar, uma vez que, como observamos pela análise dos dados de mescla entre hipo e hipersegmentação, há alunos que apresentam indícios de um processo de aquisição da escrita que foge às tendências observadas em relação ao conjunto das demais ocorrências produzidas por alunos de mesma faixa etária e mesmo tempo de escolarização.

Concluimos este texto destacando que as segmentações não-convencionais de palavras podem ser vistas como indícios de como se dá uma relação complexa entre os enunciados falados e escritos. Neste texto, buscamos demonstrar a existência do trânsito do escrevente por práticas orais/faladas e letradas/escritas que indicam um modo de constituição da escrita heterogêneo (cf. CORRÊA, 2004).

Referências bibliográficas

ABAURRE, Maria Bernadete Marques. (1988). O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? In: KATO, M. A. (Org.). *A concepção da escrita pela criança*. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, v. 1, 135-142.

_____. (1991). A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial. *Boletim da Abralín*, Campinas, v.11, 203-17.

_____. (1996). Os estudos linguísticos e a aquisição da escrita. In: CASTRO, Maria Fausta. (Org.). *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp, 111-163.

BISOL, Leda. (1996). Constituintes prosódicos. In: _____. *Introdução a estudos de Fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 247-261.

_____. (2000). O clítico e seu status prosódico. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.9, n.1, 5-20.

_____. (2005). O clítico e o seu hospedeiro. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.40, n. 3, 163-184.

BRISOLARA, Luciene Bassols. (2008). *Os clíticos pronominais do Português Brasileiro e sua prosodização*. 2008. 172 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

CAPRISTANO, Cristiane Carneiro. (2004). A propósito da escrita infantil: uma reflexão sobre segmentações não-convencionais. *Revista Letras de Hoje*. Porto Alegre. v. 39, n.3, 245-260.

_____. (2007). *Aspectos de segmentação na escrita infantil*. São Paulo: Martins Fontes.

CHACON, Lourenço. (2004). Constituintes prosódicos e letramento em segmentações não-convencionais. *Revista Letras de Hoje*. Porto Alegre. v.39, n.3, 223-232.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. (2004). *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes.

CUNHA, Ana Paula Nobre. (2004). *A hípo e a hípersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia*. 2004. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

CUNHA, Ana Paula Nobre; MIRANDA, Ana Ruth Moresco. (2007). A influência da hierarquia prosódica em hipossegmentações da escrita de crianças de séries iniciais. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 1, 1-19.

FERREIRO, Emília; PONTECORVO, Clotilde. (1996). Os limites entre as palavras - A segmentação em palavras gráficas. In: FERREIRO, Emília. *et alii. Chapeuzinho Vermelho aprende a escrever*. São Paulo: Ática, 38-66.

NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. (1986). *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications.

PAULA, Isis Fernanda Vicente de. (2007). *Movimentos na escrita inicial de crianças: um estudo longitudinal de hipersegmentações*. 2007. 154 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: LÍNGUA PORTUGUESA. (1997). Brasil: Secretaria de Educação Fundamental.

PROPOSTA CURRICULAR DO ESTADO DE SÃO PAULO: LÍNGUA PORTUGUESA. (2008). São Paulo: Secretaria Estadual de Educação.

SELKIRK, Elisabeth. (1986). On derived domains in sentence phonology. *Phonology Yearbook*, 3, 1986, 371-405.

SILVA, Ademar. (1991). *Alfabetização: a escrita espontânea*. São Paulo: Editora Contexto.

SIMIONI, Taíse. (2008). O clítico e seu lugar na estrutura prosódica em português brasileiro. *Alfa*, São Paulo, v.52, n.2, 431-446.

TENANI, Luciani. (2001). Rindo das piadas, manipulando a língua. *Alfa*. São Paulo, v. 45, n.2, 115-127.

_____. (2009). Entre o grupo clítico e a palavra fonológica: os erros de segmentação não-convencional de palavras. Apresentação de comunicação no VI Congresso Internacional da ABRALIN.

_____. (2011). Letramento e segmentações não-convencionais de palavras. In: TFOUNI, Leda. *Letramento, escrita e leitura: Questões Contemporâneas*. Campinas: Mercado de Letras, 229-243.

VIGÁRIO, Marina. (2003). *The prosodic word in European Portuguese*. Berlin: Mouton de Gruyter.

_____. (2007). O lugar do Grupo Clítico e da Palavra Prosódica Composta na hierarquia prosódica: uma nova proposta. In: LOBO, M. & COUTINHO, M. A. (Orgs.) *Actas do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística – Textos seleccionados*. Lisboa: Colibri Artes Gráficas, 673-688.

Recebido em: 24/02/2011

Aprovado em: 21/04/2011